

Cantarella e Cambiano: historiografia essencialista do homoerotismo grego

Cantarella and Cambiano: essentialist historiography of Greek homoerotism



<http://eoi.citefactor.org/10.11248/ehum.v9i2.2025>

Daniel Barbo

Doutor em História pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

danielbarbo@yahoo.com.br



<https://orcid.org/0000-0001-7434-3098>

Recebido em: 05/12/2016 – Aceito em: 23/01/2017

Resumo: Este artigo faz uma análise do modo essencialista com que os historiadores Eva Cantarella e Giuseppe Cambiano abordaram o homoerotismo grego numa época posterior ao evento de Stonewall (1969).

Palavras-chave: Homoerotismo Grego, Historiografia, Cantarella, Cambiano

Abstract: This article analyzes the essentialist mode in which the historians Eva Cantarella and Giuseppe Cambiano approached Greek homoeroticism in a time after the Stonewall event (1969).

Keywords: Greek Homoeroticism, Historiography, Cantarella, Cambiano

Introdução

A espinha dorsal da historiografia essencialista do homoerotismo grego é o uso substantivo ou normativo que sua abordagem faz das categorias da sexualidade para tentar compreender concepções e práticas eróticas de realidades culturais fora da Modernidade Ocidental. David Halperin alertou-nos a respeito da peculiaridade deste uso. O autor advertiu:

Não é ilegítimo empregar termos e conceitos sexuais modernos quando se interrogam as fontes antigas, mas um cuidado particular deve ser tomado para não importar categorias e ideologias sexuais, ocidentais, modernas, para a interpretação da evidência antiga. Por essa razão, estudantes da Antiguidade Clássica precisam deixar claro quando propõem o termo “homossexual” descritivamente – isto é, para denotar nada mais que relações sexuais entre pessoas do mesmo sexo – e quando o propõem substantiva ou normativamente – isto é, para denominar um tipo discreto de psicologia ou comportamento sexual, uma espécie positiva de ser sexual, ou um componente básico da “sexualidade humana”. A aplicação de “homossexualidade” (e “heterossexualidade”) num sentido substantivo ou normativo em expressões sexuais na Antiguidade clássica não é recomendável.¹

¹HALPERIN, 1996, p. 218. “It is not illegitimate to employ modern sexual terms and concepts when interrogating the ancient record, but particular caution must be exercised in order not to import modern, western, sexual categories and ideologies into the interpretation of the ancient evidence. Hence, students of classical antiquity need to be clear about when they intend the term ‘homosexual’ descriptively – i.e. to denote nothing more than same-sex sexual relations – and when they intend it substantively or normatively – i.e. to denominate a discrete kind of sexual psychology or behaviour, a positive species of sexual being, or a basic component of ‘human sexuality’”. The application of ‘homosexuality’ (and ‘heterosexuality’) in a substantive or normative sense to sexual expression in classical antiquity is not advised.”

A classicista italiana Eva Cantarella – embora não apresente em sua obra *Secondo Natura: la bisessualità nel mondo antico*, publicada em 1988, traduzida para o inglês sob o título *Bisexuality in the Ancient World*, nem um tom essencialista tão visceral e infecundo, nem um descritivismo um tanto estéril, ao modo dos estudos de viés arqueológico de um Dover e de um Kilmer – não consegue, no entanto, esquivar-se completamente da armadilha teórico-metodológica escondida por trás da procura ou constatação da essência das identidades eróticas ao longo da história. Tanto é assim que ela acrescenta à míope abordagem essencialista a categoria bissexualidade. Já no prefácio de sua obra, ela afirma:

os gregos e os romanos deram amplo espaço ao amor homossexual masculino, considerando-o uma alternativa absolutamente normal ao amor heterossexual. Se tomado como um modelo de boa vida, a bissexualidade é um acesso que pode deixar marcas profundas numa cultura, desempenhando um considerável papel na determinação de seu caráter. Para se convencer disso, tudo que se tem a fazer (tomando um exemplo) é pensar no problema famoso e muito discutido da função social da homossexualidade em Atenas. (CANTARELLA, 1992, p. viii)

Em suas diretrizes fundamentais, o trabalho de Cantarella faz uma análise – primeiro, entre os gregos, depois, entre os romanos – do que ela chama de *bissexualidade* entre os antigos. Sendo essa uma prática muito mais comum no perfil erótico dos homens que no das mulheres, a autora quer entender como funcionava a *homossexualidade* masculina entre os antigos e como ela interferia na vida das mulheres (*heterossexuais*), geralmente esposas desses *homossexuais*. Nessas condições, Cantarella pretende analisar a situação de submissão geral em que os homens gregos submetem as mulheres no espaço da *polis*: confinadas aos limites do *oikos*, relegadas ao papel reprodutivo e excluídas da educação e da linguagem. A autora demonstra também as principais diferenças entre a *homossexualidade* grega e a romana (a masculina, muito mais difundida, mas também a feminina), bem como a influência do fenômeno da pederastia grega (*homossexualidade* grega) no mundo romano, a partir de um dado momento da história desse povo.

No conjunto, a obra de Cantarella, por um lado, opera, inadvertidamente, inconscientemente, em dois registros teórico-metodológicos antagônicos, o que enfraquece um tanto o seu rigor analítico e a sua clareza interpretativa no tratamento dos temas abordados. Por um lado, em decorrência da inadequação conceitual recorrente nas obras dos autores essencialistas (no que tange ao uso das categorias homossexualidade, heterossexualidade e bissexualidade), um empreendimento teórico-metodológico diametralmente oposto ao elaborado no âmbito da História dos Conceitos e dos Tempos Históricos (campo da história magistralmente desenvolvido, por exemplo, nas obras de Reinhart Koselleck), a capacidade de interpretação da erótica greco-romana fica um pouco prejudicada neste estudo de Cantarella. Por outro lado, entretanto, o mesmo estudo, em boa medida, dá mostras de uma perspectiva mais inovadora, de uma compreensão não-essencialista, *sine ira et studio* (não preconceituosa, isenta de juízos de valor), da erótica greco-romana, como quando ela diz, no prefácio, que:

Estimulada pelo desejo de responder a estas e muitas outras questões, no presente livro dispus-me a prover, senão uma imagem exhaustiva, pelo menos um instrumento útil para um melhor entendimento de um ‘diferente’ aspecto do amor. ‘Diferente’, obviamente, não porque ele seja desviante, menos ainda perverso, mas porque era experimentado diferentemente em diferentes temporalidades, e avaliados de acordo com regras ligadas a estilos

de vida que, com mudanças de eras e situações mutáveis, foram submetidas a profundas modificações e assumiu graus diferentes de importância, função e significação. (CANTARELLA, 1992, p. xii)

E também quando afirma, no capítulo 2, “The Classical Age”, que

Já foi apontado que na Grécia anterior à cidade-estado a conquista do *status* de adulto significava uma mudança no papel sexual, do passivo para o ativo. Essa regra sinaliza claramente que, durante esse período, o contraste fundamental entre tipos diferentes de comportamento sexual não era a dicotomia heterossexual-homossexual, mas a dicotomia ativo-passivo (o papel ativo pertencendo ao adulto masculino e o passivo, aos garotos e às mulheres). Fontes da era das cidades confirmam claramente que esta regra antiga (deixando de lado as transformações causadas pelas mudanças de uma sociedade tribal para uma política, e o fato de que a regra já estava divorciada de seu significado original) continuava a informar a moralidade sexual dos gregos. (CANTARELLA, 1992, p. 31)

No âmbito da perspectiva inovadora da obra, constata-se uma série de avanços no conhecimento da erótica grega obtida à luz de novas fontes documentais e por meio de uma já densa massa crítica historiográfica produzida nas décadas de 1970-80.

No capítulo 1, “The beginnings, the Greek Dark Age and the Archaic Period”, inquirindo o problema das origens da ‘homossexualidade’ grega e investigando essa ‘homossexualidade’ original como uma forma de iniciação, Cantarella cita Marrou (*Histoire de l'Éducation dans l'Antiquité*) e conclui:

Marrou estava indubitavelmente correto ao dizer que a homossexualidade estava disseminada na Grécia mesmo antes da ‘descida’ dos Dórios: mas ele estava certo quando a concebeu como um costume e uma ideologia ligados à escassez de mulheres? Penso que não. (CANTARELLA, 1992, p. 5)

Para refutar essa tese de Marrou, Cantarella atém-se à documentação das codificações legais gregas:

De fato, como já explanado, as mulheres tornaram-se inacessíveis para os gregos somente quando as primeiras leis escritas, codificando o seu papel enquanto reprodutoras do corpo cívico, estabeleceram que elas devessem cumprir este papel segregadas dentro dos muros do domínio familiar. Mas durante a era homérica, em uma situação em que as leis de um tipo costumeiro eram muito mais fluidas, as mulheres não tinham sido ainda enclausuradas em suas casas, mesmo no sentido físico (pelo menos em Atenas). Embora destinadas a um futuro como esposas e mães, as mulheres na sociedade homérica eram livres para circular, dentro e fora da cidade, tanto antes quanto depois do casamento. (CANTARELLA, 1992, p. 5)

Cantarella afirmou que as origens remotas da pederastia grega ligavam-se aos ritos de passagem da Grécia pré-políade (ritos cuja existência fora demonstrada por estudiosos como Jeanmaire, Gernet, Bre-

lich, Vidal-Naquet, Bremmer, Patzer, Lincoln e Sergent), refutando assim os autores que defenderam a tese dórica como exclusiva na disseminação da pederastia no mundo grego.

Nas diferentes áreas da Grécia pré-cidade, garotos aprendiam as virtudes as quais os tornariam adultos durante o período de segregação, vivendo na companhia de um homem que era ao mesmo tempo um educador e um amante. (CANTARELLA, 1992, p. 6)

Como prova documental dessa ligação, ela aduz (i) os vários mitos que, mais ou menos explicitamente, referem-se a casos de amor ‘homossexuais’ (como entre Zeus e Ganimedes, Dioniso e Adônis, Poseidon e Pélops, Apolo e Admeto, Hércules e Jasão ou Apolo e Ciparisso), (ii) os costumes cretenses relatados por Estrabão, tendo Éforo como fonte, (iii) os costumes espartanos relatados por Plutarco e (iv) os *graffiti* de Thera.

Em seguida, ela investigou alguns rastros que podem indicar a presença da ‘homossexualidade’ nos poemas homéricos, refutando diretamente, por exemplo, Flacelière, que, em sua obra *L'amour en Grèce*, acreditava que a razão para a ausência da ‘homossexualidade’ na *Iliada* e na *Odisseia* devia-se ao fato de que a *pederastia*, sendo causada pela falta de mulheres ou por sua inacessibilidade, não teria razão de existir numa sociedade onde elas eram ‘livres’, como na sociedade homérica². Para tanto, Cantarella perfila em sua argumentação as revisões historiográficas³ da relação entre Aquiles e Pátroclo (indicando que ela era mais que uma amizade entre camaradas de combate) e uma leitura que indica um possível relacionamento erótico entre Telêmaco e Psístrato, filho do rei Nestor de Pilos.

“Então, não é difícil ler a estória de um caso de amor nas entrelinhas das palavras de Homero” (CANTARELLA, 1992, p. 10). A ‘homossexualidade’ vivenciada entre Aquiles e Pátroclo, continua Cantarella, era tida como certa pela própria tradição greco-romana: em Teócrito, em *Atheneu* (XIII, 601, a); em *Os Mirmidões*, de Ésquilo (tragédia preservada no *Amatorius*, de Plutarco, e em *Amores*, de Luciano); na tragédia perdida *Achilleos Erastai*, de Sófocles; no *Banquete* platônico; no *Contra Timarco* do orador Ésquines; nos poetas romanos (de Catulo a Marcial). A partir desses elementos, Cantarella conclui:

O que é interessante é notar a convicção disseminada na Antiguidade de que havia uma relação de amor entre os dois heróis: isso mostra, pelo menos, que na Era Clássica era natural e inevitável pensar que tal intensa amizade entre dois homens devesse incluir também uma ligação sexual. E isso não é certamente insignificante. (CANTARELLA, 1992, p. 11)

Quanto a Telêmaco, este foi bem recebido em Pilos pelo rei Nestor, que o pôs a dormir ao lado de seu filho solteiro Psístrato. Em Esparta, outra vez, eles dormem juntos ao visitar o rei Menelau. “Em outras palavras, Homero compara Telêmaco e Psístrato a um casal” (CANTARELLA, 1992, p. 11). Nesse argumento, Cantarella segue Sergent (*L'homosexualité dans la mythologie grecque*) que, por sua vez, segue Dumézil. “A homossexualidade, então, embora ela não apareça explicitamente, parece emergir dos poemas, enquanto permanece no segundo plano da estória, até certo ponto escondida ou, pelo menos, na sombra.” (CANTARELLA, 1992, p. 11)

Analisando um conjunto de versos dos poetas líricos do Período Arcaico (Sólon, Alceu, Anacreonte, Teógnis, Ibico e Píndaro), Cantarella traça para uma “sociedade que

²Quanto à ‘Sociedade Homérica’, Cantarella refere-se àquela elaborada na tese muito difundida de Moses I. Finley em sua obra *O mundo de Odisseu*.

³Por exemplo, CLARKE, 1978.

já tinha se tornado exclusivamente masculina, as feições e as regras da homossexualidade durante a era arcaica” (CANTARELLA, 1992, p. 16). Sobre o conjunto da produção poética desse círculo cultural homoerótico – e concluindo que o amor que esses poetas estavam a revelar ligavam um adulto a um jovem que era amado, em primeiro lugar, pela sua beleza, a qual, para os gregos, caminhava de mãos dadas com a virtude –, Cantarella observou que

Embora esse fosse um relacionamento erótico, o relacionamento com um garoto não era puramente sexual: estava intimamente ligado a qualidades sociais, rituais conviviais, encontro, onde o *pais* não era meramente o objeto de desejo. Ele era uma companhia pessoal que aprendia com o amante, e [aprendia a partir] dele, a desfrutar do modo certo e na medida certa os prazeres da vida: canção e dança, vinho e amor. Isso, inevitavelmente, era suficiente para tornar o amor homossexual superior ao amor por mulheres, as quais não poderiam ser companhias para a existência social de alguém (a não ser que elas fossem dançarinas, flautistas e cortesãs: estas são as figuras femininas encontradas na poesia lírica). Finalmente, o fato de um garoto ser amado era um sinal de honra, prova de excelência, confirmação de suas virtudes. Um sujeito que fosse amado, enfim, não precisava temer reprovação, se aceitasse as ofertas de seus amantes. Se ele as rejeitasse por algum tempo, isso era somente no intuito de ser mais desejável, de ser provocativo, para argumentar sua reputação e enfatizar a excitação do consentimento. (CANTARELLA, 1992, p. 16)

No capítulo 2, “The Classical Age”, Cantarella retoma, de forma consistente, mas sem grandes novidades em comparação aos historiadores predecessores, temas atenienses já discutidos na historiografia: as regras da corte pederástica, as manifestações eróticas na relação pederástica e a prostituição masculina. E suas fontes principais são as já tradicionais: o *Banquete* platônico, as comédias de Aristófanes, o *Contra Timarco* de Ésquines e a codificação legal. Também, faz uma análise lexical esclarecedora das terminologias das classes de idade para verificar o significado do termo *neaniskos* e sua importância no estudo da pederastia grega.

Nessa retomada, Cantarella discute um ponto importante e muito controvertido sobre a relação pederástica: a cópula anal. Construindo uma linha de argumentação muito pertinente, ela avança na interpretação iconográfica feita por Dover em *Greek Homosexuality*. Lembra que Dover, no que se refere aos contatos eróticos entre o *erastés* e o *erómenos* representados nos vasos gregos, havia encontrado imagens de cópula intercrural e interfemural, mas não de cópula anal. Tendo constatado somente esses tipos de cópula entre *erastés* e *erómenos*, Dover parece concluir que a cópula anal não era praticada na pederastia grega, mas somente entre adultos, indicando com isso, na interpretação de Cantarella, que tal cópula seria socialmente proibida entre adultos e *paides*. Cantarella discordou dessa conclusão nos seguintes termos:

Essa constatação significa necessariamente que o intercuro anal fosse socialmente proibido no caso dos *paides*? Não se poderia afirmar que a iconografia representava imagens mais adequadas para enfatizar o aspecto afetivo da relação pederástica, quase como que para apontar e enfatizar a importância e nobreza desse relacionamento, contrastando-o com aquele puramente físico que ligavam dois amantes adultos? Outra consideração muito relevante salta à mente quando se pensa na iconografia dos relacionamentos heterossexuais:

neste caso também, a penetração somente é representada quando a mulher é uma cortesã. Relações com mulheres ‘respeitáveis’ excluíam toda referência ao ato sexual. Alguém sonharia em pensar, nessas bases, que os gregos faziam sexo somente com cortesãs, e não com suas esposas? (CANTARELLA, 1992, p. 25)

Da mesma forma, fica difícil, por conseguinte, não concluir que havia cópula anal na relação entre *erastés* e *erómenos*. Cantarella também se apoia, em favor desse argumento, no léxico, nas evidências iconográficas dos *graffiti* de Thera e nas poesias homoeróticas mais tardias coletadas em *Greek Anthology*, obra que compila a poética de autores como Dioscorides, Rhianus, Schytinus e Strato, nos quais a temática do *proktos* (ânus) e da relação anal entre homens é considerável. E finalmente ela conclui (acertadamente, em nosso ponto de vista), indo muito além, em sua investigação, de muitos dos autores que já haviam escrito sobre a erótica grega:

Acredito que era absolutamente normal para um garoto, através do curso da História Grega, ‘submeter-se’ a seu amante e que isto não necessariamente envolvia uma perda de honra. A honra, certamente, estava em jogo: mas era uma perda, como vimos, somente para os *paides* que cedessem sem respeitar algumas regras [...]. Essas regras eram estabelecidas num nível social pela etiqueta do cortejo; elas já foram descritas e examinando a evidência, apesar de tudo que já fora dito sobre esse tópico, encontramos essas regras confirmadas e clareadas pelas provisões da lei. (CANTARELLA, 1992, p. 27)

Cantarella apresenta-nos, no entanto, uma contradição. Quanto às referências às comédias de Aristófanes, ela diz que “pode-se encontrar a homossexualidade sendo extremamente ridicularizada na comédia” (CANTARELLA, 1992, p. ix). Também se refere às “[...] contínuas referências à sodomia nas comédias de Aristófanes [o qual era] ferozmente hostil à expansão dos casos de amor entre homens.” (CANTARELLA, 1992, p. 26). Temos que admitir que essa interpretação de Cantarella coaduna-se com a de Flacelière. Como já tivemos a oportunidade de explicitar no caso de Flacelière⁴, consideramos essa interpretação das comédias de Aristófanes bastante equivocada, apontando outra que consideramos mais razoável. Mas, no caso de Cantarella, há uma explicação adicional que deixa a sua interpretação das comédias de Aristófanes no mínimo ambígua e confusa. Seguindo em sua argumentação, ela complementa:

Mas vale a pena apontar aqui que o que Aristófanes condena, na homossexualidade, não é a prática do intercuro anal em si, mas o uso errado que é feito dele, devido à degeneração moral dos atenienses, a imoralidade, o oportunismo e a natureza mercenária de seus relacionamentos. (CANTARELLA, 1992, p. 26)

Vemos então que é contraditória a sua interpretação das posições estabelecidas por Aristófanes em suas comédias a respeito da ‘homossexualidade grega’ (vale lembrar, termos de Cantarella), da relação *erastés/erómenos* e do intercuro anal praticado nessa relação. Dessa interpretação, não podemos chegar a nenhuma conclusão lógica.

Num breve capítulo intitulado “Tornar-se homem”, da obra *L’Uomo Greco*, publicada em 1991 sob a direção de Jean-Pierre Vernant, Giuseppe Cambiano ainda incorre no mesmo erro

⁴BARBO, 2011.

de usar de forma substantiva ou normativa as categorias hetero- e homossexualidade, embora a sua escrita da história não seja mais um descritivismo um tanto estéril ao modo de um Dover ou de um Kilmer. Vemos a dificuldade do autor em se livrar das categorias modernas para pensar a erótica no mundo grego:

Com o despontar da barba, o rapaz deixava de ter o estatuto de amado; já adulto, poderia assumir o papel de amante, mesmo depois do matrimônio. A relação *homossexual* não era, portanto, vivida e considerada como oposta à relação *heterossexual*: se esta permitia, no matrimônio, a reprodução física de futuros cidadãos livres, a dimensão pedagógica da relação *homossexual* contribuía para a sua formação moral e intelectual. (CAMBIANO, 1994, p. 91. Grifos nossos.)

Com essa construção, o que vem à mente? Mas como os gregos conseguiram conciliar tão harmoniosamente a ‘homossexualidade’ e a ‘heterossexualidade’? Talvez essa fosse a próxima pergunta de Cambiano, caso ele se aprofundasse nesse tema.

De outro modo, outra colocação de Cambiano reafirma essa dificuldade, a de não conseguir analisar os relacionamentos eróticos gregos a não ser através da ótica e da temporalidade da Modernidade, além de dar margem a uma interpretação claramente equivocada a respeito do homoerotismo grego. O autor diz:

Mas, mesmo em comunidades como Atenas, as relações *homossexuais* desempenhavam um papel decisivo na integração na vida adulta. Depois de abandonar a casa das mulheres, o jovem passava grande parte do seu dia no ginásio, onde a sua vida sexual começava a desenvolver-se. Dificilmente um jovem ateniense podia ter oportunidade para encontros sexuais com raparigas ou mulheres de condição livre, sobretudo de classe mais abastada. Por outro lado, a maior facilidade de relações com jovens escravas retirava valor a esses encontros e reduzia o seu alcance emocional. (CAMBIANO, 1994, p. 90. Grifo nosso.)

Colocadas as coisas dessa forma, o autor nos remete à velha concepção propalada por autores, como Marrou/Dulaure, que explicavam a ‘homossexualidade’ grega pela falta de mulheres em ambientes masculinos, como é o caso do ginásio ou do exército. Tal concepção não se confirma nem no caso do homoerotismo ateniense, nem no caso, também comentado por Cambiano, do espartano, embora este permaneça preso, salvo engano, a uma prática mais ritualizada, se comparado com o ateniense, durante toda a sua história.

Em 1980, Félix Buffière efetuou uma análise “de uma abundante poesia erótica masculina pouco equívoca em suas descrições e muito precisa quanto à evocação do prazer dos amantes” (SARTRE, 1999, p. 5) em sua obra *Eros adolescent: la pédérastie dans la Grèce antique*.

Faltava ainda, no entanto, uma análise que explicasse o homoerotismo clássico ateniense, já que tanto Dover quanto Buffière concentraram-se muito mais nas descrições que nas explicações ou análises do fenômeno. Na sequência, o estudo de Sergent, *L’homosexualité dans la mythologie grecque (Homosexuality in greek myth)*, que analisou os mitos gregos e textos históricos quase etnográficos relativos a Creta, Esparta, Atenas, mas também aos celtas, germanos e iranianos, mostrou que as práticas evocadas por esses textos inserem-se nos ritos de passagem que marcam a integração dos jovens à sociedade

dos adultos. A questão é que, embora Sergent não reduzisse a homossexualidade exclusivamente à função ritual – práticas de exclusão e de marginalização, seguidas de inversão dos papéis usuais e, enfim, de reintegração no grupo –, suas conclusões pareciam levar, quase que inevitavelmente, a pensar que a codificação do rito iniciático primitivo fundava a legitimidade da prática erótica concomitante ao rito, o que reduzia enormemente o fenômeno, ao considerar apenas uma de suas facetas. (SARTRE, 1999, p. 5)

Boswell, um dos maiores adversários da tese de Sergent, veio à tona, em 1980, com a sua obra *Christianity, Social Tolerance and Homosexuality: Gay people in Western Europe from the Beginning of the Christian Era to the Fourteenth Century*, demonstrando a generalização da ‘homossexualidade’ no meio dos clérigos e dos bispos dos primeiros séculos da Idade Média e que a condenação cristã não encontrava justificção nas Escrituras sagradas. (SARTRE, 1999, p. 5)

Os argumentos de Boswell, que fundam a legitimidade de uma ‘homossexualidade’ que só teria sido atacada a partir do triunfo das ideias de Tomás de Aquino, remetem-no claramente para um enfoque essencialista. Segundo este autor, a heterossexualidade e a homossexualidade são essências do ser humano, independentemente de sociedade e cultura. Assim, vendo a homossexualidade entre os antigos, pagãos e cristãos, parecia que Boswell “preocupava-se mais em buscar na Antiguidade argumentos para alimentar os debates atuais do que em compreender por eles mesmos os comportamentos dos gregos e, de maneira mais geral, dos antigos.” (SARTRE, 1999, p. 5)

A década de 1980 foi um momento de crescimento do conservadorismo, especialmente após a eleição de Margareth Thatcher (1979), na Inglaterra, e Ronald Reagan (1981), nos Estados Unidos, e com o início do pontificado de João Paulo II (1978). Também, essa é a década em que surgem a AIDS e todos os problemas morais que ela implicou. A plataforma conservadora de ambos os políticos – principalmente no tocante à educação e serviços públicos de saúde, assim como no apoio a atividades culturais – muitas vezes levou a um enfrentamento direto com o movimento social oriundo de 1968, particularmente sobre pontos relativos ao livre exercício do aborto e ao reconhecimento civil da parceria homossexual. O conservadorismo social e a descrença na ação educativa do Estado, em especial contra o preconceito, permitem o avanço de um cientificismo totalmente desprovido de qualquer base e capaz de forjar comportamentos clínicos altamente duvidosos. Surge um novo clima de patologização da homossexualidade, recusando-se a aceitar qualquer possibilidade explicativa baseada em dados culturais. Nessa visão, a homossexualidade teria origem orgânica e estaria muito possivelmente inscrita no código genético das pessoas, sendo possível mesmo identificá-la e, quem sabe, curá-la ou exterminá-la. (SILVA, 2000, p. 243)

Foi também na década de 1980, e contra a maré conservadora que ela trouxe, que vários autores colaboraram para o desenvolvimento do Construcionismo, perspectiva de análise do homoerotismo grego que já vinha sendo elaborada desde o final da década de 1960. O enfoque essencialista será radicalmente criticado pela abordagem construcionista. A interpretação construcionista afirma que as experiências sexuais são construções culturais, isto é, em cada sociedade essas experiências são estruturadas de uma forma específica. Portanto, elas são consideradas categorias históricas, e não categorias universais ou naturais.

As imagens do homoerotismo grego construídas ao longo dessa historiografia desencadearam tensões e debates políticos, em parte implícitos e em parte explícitos na própria escrita de cada obra, na sucessão delas e no diálogo entre elas, e fundamentalmente no diálogo entre elas e o *establishment* (isto é, as relações entre essa historiografia e a história da homossexualidade). Vimos, em

⁵BARBO, 2016.

outro estudo⁵, primeiro, a militância de Boswell e as críticas desse autor ao reducionismo de Sergent, que, na avaliação de Boswell, reduzia as relações homoeróticas entre os antigos, consideradas por ambos como homossexuais, a um rito iniciático; depois, as críticas do Construcionismo, abordagem que recusa as categorias de análise homossexualidade, heterossexualidade e sexualidade para a Grécia antiga, às teses de Boswell.

Nas análises das mudanças de perspectivas da historiografia do homoerotismo grego, como é o caso do presente artigo, temos tentado ressaltar, para além do conhecimento histórico da erótica grega, o cunho político ou engajado dos diversos campos teórico-metodológicos surgidos ao longo do século XX, com a intenção de avaliar as mudanças ideológicas efetivadas pela pressão dos tempos históricos nas mutações dessa vertente historiográfica.

Referências Bibliográficas

- AESCHINES. *Against Timarchus*. Cambridge & London: Harvard University Press & William Heinemann Ltd., 1988.
- ARISTOPHANES. *The Clouds*. Cambridge & London: Harvard University Press & William Heinemann Ltd., 1988.
- ARISTOPHANES. *The Frogs*. Cambridge & London: Harvard University Press & William Heinemann Ltd., 1988.
- ARISTOPHANES. *The Lysistrata*. Cambridge & London: Harvard University Press & William Heinemann Ltd., 1988.
- ARISTOPHANES. *The Thesmophoriazusae*. Cambridge & London: Harvard University Press & William Heinemann Ltd., 1988.
- ARISTOPHANES. *The Ekklesiazusae*. Cambridge & London: Harvard University Press & William Heinemann Ltd., 1988.
- ARISTÓFANES. *Nuvens*. In: *Teatro Grego*. Trad. Junito Brandão. 3. ed. São Paulo: Editora Cultrix, 1977.
- ARISTÓFANES. *A revolução das mulheres*. Trad. adapt. Mário da Gama Cury. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1964.
- ARISTOTLE. *On Virtues and Vices*. Vol. XX. Cambridge & London: Harvard University Press, 1996.
- BARBO, Daniel. A historiografia construcionista da erótica grega. *Revista Heródoto*, UNIFESP, Guarulhos, v. 1, n. 1, p. 231-264, mar. 2016.
- BARBO, Daniel. Detratores do homoerotismo grego: uma historiografia essencialista. *História da Historiografia*, Ouro Preto, n. 6, p. 171-188, mar. 2011.
- BOSWELL, John. *Christianity, social tolerance and homosexuality: gay people in western Europe from the beginning of the Christian Era to the fourteenth century*. Chicago and London: The University of Chicago Press, 1980.
- BUFFIÈRE, Félix. *Eros adolescent: la pédérastie dans la Grèce antique*. Paris: Société d'édition "Les Belles Lettres", 1980.
- CAMBIANO, Giuseppe. Tornar-se homem. In: VERNANT, Jean-Pierre (Org.). *O homem grego*. Lisboa: Editorial Presença, 1994.
- CANTARELLA, Eva. *Bisexuality in the ancient world*. London/New Haven: Yale University Press, 1992.
- CLARKE, W. M. Achilles and Patroclus in Love. *Hermes*, n. 106, p. 381-396, 1978.
- DOVER, Kenneth J. *A homossexualidade na Grécia antiga*. São Paulo: Nova Alexandria, 1994.
- DULAURE, Jacques-Antoine. *O culto do falo: nos antigos e nos modernos*. Lisboa: Hugin, 1998.
- FINLEY, Moses. I. *O mundo de Ulisses*. Lisboa: Editorial Provença, 1982.
- FLACELIÈRE, Robert. *Love in ancient Greece*. New York: Crown Publishers, Inc., 1962.
- HALPERIN, David. Entry 'Homosexuality'. In: *The Oxford Classical Dictionary*. Edited by Simon Hornblower and Antony Spawforth. Third edition. Oxford; New York: Oxford University Press, 1996.
- HALPERIN, David M. Is there a History of Sexuality? In: ABELOVE, Henry; BARALE, Michèle Aina; HALPERIN, David M. *The Lesbian and Gay studies reader*. New York, London: Routledge, 1993.
- HALPERIN, David M. *One hundred years of homosexuality and other essays on Greek love*. New York, London: Routledge, 1990.
- HALPERIN, David M.; WINKLER, John J.; ZEITLIN, Fromma I. *Before sexuality: the construction of erotic experience in the Greek world*. Princeton: Princeton University Press, 1990.
- KILMER, Martin F. *Greek erotica on attic red-figure vases*. London: Duckworth, 1993.
- KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado: contribuição à análise dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. Puc-Rio, 2006.
- MARROU, Henri-Irénée. *História da educação na Antiguidade*. São Paulo: EPU, 1975.
- PLATO. *Symposium*. Vol. III. Cambridge & London: Harvard University Press, 1991.

SARTRE, Maurice. Ritos e prazeres gregos. *Folha de S.Paulo*, Caderno Mais, p. 6-7, 31 de outubro de 1999.

SERGENT, Bernard. *Homosexuality in Greek myth*. Boston: Beacon Press, 1986.

SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. Homossexualidade e Fascismo. In: SILVA, Francisco Carlos Teixeira da; MEDEIROS, Sabrina Evangelista; VIANA, Alexander Martins (Orgs.). *Dicionário Crítico do Pensamento de Direita: idéias, instituições e personagens* Rio de Janeiro: Faperj, Mauad, 2000.

SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. Homossexualidade e política. In: SILVA, Francisco Carlos Teixeira da; MEDEIROS, Sabrina Evangelista; VIANA, Alexander Martins (Orgs.). *Dicionário Crítico do Pensamento de Direita: idéias, instituições e personagens* Rio de Janeiro: Faperj, Mauad, 2000.

SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. Homossexualidade e Revolta. In: SILVA, Francisco Carlos Teixeira da; MEDEIROS, Sabrina Evangelista; VIANA, Alexander Martins (Orgs.). *Dicionário Crítico do Pensamento de Direita: idéias, instituições e personagens* Rio de Janeiro: Faperj, Mauad, 2000.